



Dezenas de eleitores foram ao Moinho ouvir as propostas dos candidatos

Brasília no ano 2000 é debatida por candidatos



Perspectivas de Brasília para o ano 2.000. Esse foi o tema do sexto e último debate político-eleitoral realizado ontem à noite no bar e restaurante Moinho, com os principais candidatos do DF à Câmara e ao Senado. Dos seis debates realizados pelo "Fórum de debates Constituinte e Constituição",

e o restaurante Moinho, o de ontem foi que mais chamou a atenção do público.

O interesse dos mais de duzentos cabos eleitorais, simpatizantes e curiosos não foi por outra razão, senão pelo fato de poderem ver e ouvir, pela última vez, os candidatos à Constituinte, como Carlos Algerto Torres — PCB/Senado — Mauricio Corrêa — PDT/Senado — Pompeu de Sousa — PMDB/Senado — Fernando Tolentino — PMDB/Câmara — Hélio Doyle — PDT/Câmara — estarem, lado a lado, disputando a preferência do eleitorado.

O debate

Outros candidatos estiveram presentes como: Beto Almeida — PSB/Câmara — Marcos

Terena — PDT/Câmara — Nilson Curado — PSB/Senado — Orlando Cariello — PT/Câmara — Geraldo Campos — PMDB/Câmara — Pitan-ga Seixas — PDS/Senado e Lauro Campos — PT/Senado. Mauricio Corrêa, o primeiro a se pronunciar, disse que se for eleita uma maioria conservadora na Constituinte, ela não vai responder às necessidades do Brasil". Ele classifica os partidos de centro direita de "serem portadores de muita falsidade ideológica", porque não levam em conta os aspectos econômicos e sociais do país, mas apenas o político. Segundo Mauricio Corrêa, "até o ano 2000 o Brasil terá que estar livre da dívida externa, seja pela moratória ou pelo rompimento com o FMI".

Carlos Alberto Torres — PCB/Senado — criticou os partidos que usaram "os preciosos segundos da televisão para colocarem o PCB como bode expiatório dos problemas nacionais. Ele revelou que o PCB "não usou um único outdoor ou cabos eleitorais pagos" e que contou principalmente com a boa vontade dos filiados e simpatizantes do partido". "No ano 2000 Brasília será a capital da liberdade democrática" e que inverterá a atual ordem econômica de um país onde 10% da população ganha trinta vezes mais do que a grande maioria que vive em penúria e dificuldades", concluiu.